

**VI JORNADA BRASILEIRA
DE SOCIOLOGIA**

MODERNIDADE E SUL GLOBAL

9, 10 E 11 DE OUTUBRO DE 2019



UFPEL



VI Jornada Brasileira de Sociologia

Modernidade e Sul Global

Outubro, 2019, Pelotas/RS

GT 4 – Raça, Gênero, Classe

Professoras Negras da Educação Infantil: Sujeitos potentes para a luta antirracista

**VI JORNADA BRASILEIRA
DE SOCIOLOGIA**

MODERNIDADE E SUL GLOBAL

9, 10 E 11 DE OUTUBRO DE 2019



UFPEL



Professoras Negras da Educação Infantil: Sujeitos potentes para a luta antirracista

Carolina Barcelos Duarte¹

Georgina Helena Lima Nunes²

O trabalho em fase inicial é referente ao Mestrado em Educação, da Universidade Federal de Pelotas, tem como tema a Docência de Mulheres Negras na Educação Infantil. Compreende-se elas sujeitos potentes nesse processo de luta para contribuição de uma sociedade sem racismo e a partir da hipótese de que as Professoras Negras encontram dificuldades em falar sobre racismo na sala de aula, pois vivemos em uma sociedade a qual predomina uma visão preconceituosa, historicamente construída, a respeito do negro e a precariedade de modelos satisfatórios e a abundância de estereótipos negativos (CAVALLEIRO, 2000). Assim, falar sobre racismo na sala de aula com os/as alunos/as requer dos docentes negros/as um entendimento do que isso significa em uma sociedade que carrega a ideologia da “democracia racial” que serve para encobrir as práticas racistas existentes (CAVALLEIRO, 2002). É chegado o momento da população negra falar por si na medida em que, por muito tempo, imperou e ainda impera a seguinte lógica: “[...] fala-se sobre o ‘outro’ para que ele não fale, pois ele ao falar, pode distorcer o sentido do discurso que nos interessa” (ORLANDI, 1995, p.59). Por conta disso, ensaja-se que como resultado da pesquisa, construa-se subsídios para que Professoras Negras se auto-compreendam acerca desse violento processo em que estão imersas e que, possam a contribuir para a libertação dos alunos/as desse padrão de dominação que lhes é imposto, a cada dia, por vias do currículo escolar.

Palavras-chaves: Professoras negras; educação Infantil; antirracismo.

¹ Pedagoga, Universidade Federal de Pelotas, PIB/ MD, duarte.carolinapelrs@gmail.com.

² Doutora, Universidade Federal de Pelotas, geohelena@yahoo.com.br.

Introdução

Acredita-se nas Professoras Negras³ da Educação Infantil, como sujeitos potentes na luta antirracista, pois, trazem em seus corpos o esquema corporal (FANON, 2008), podendo assim criar estratégias pedagógicas auxiliares na desconstrução de visões estereotipadas, contribuindo para a eliminação do preconceito e da discriminação.

Seu agir racialmente conscientemente sobre o que é ser negro requer um entendimento do que isso significa em uma sociedade que carrega a ideologia da “democracia racial” que serve para encobrir as práticas racistas existentes (CAVALLEIRO, 2002), podendo quebrar com preconceitos que por muito tempo foram construídos e ainda são reforçados, questionando aquilo que está posto como verdade ao seu redor.

Coloco-me nesse trabalho, pois sou Professora da Educação Infantil e me autodeclaro negra, percebo que essa situação requer um pouco de atenção nas atitudes em diversos espaços inclusive na sala de aula da Educação Infantil, para não ser conivente com a disseminação do preconceito racial e ter como objetivo “[...] ajudar o negro a se libertar do arsenal de complexos germinados no seio da situação colonial”. Sendo as relações estabelecidas entre negros e brancos, herança da colonização que muitas vezes inferioriza o sujeito negro.

Por conta disso a descolonização/desalienação das Professoras Negras é fundamental. Com consciência do violento processo que estão imersas, pode permitir que ao trabalhar com seus alunos nessa perspectiva contribuam para a libertação do padrão de dominação que é imposto aos alunos por meio do currículo escolar.

Olhando para o meu objeto de pesquisa, que se pauta na Docência de Mulheres Negras na Educação infantil que se configuram essenciais para a promoção da igualdade racial, estando elas num lugar onde ocupam certo poder, podem falar desses assuntos com seus alunos, sem contar o espaço da educação infantil que pode contribuir para que desde pequenos as crianças sejam educadas com a intenção do futuro combate ao racismo.

Primeiramente descolonização das Professoras Negras

³ Usarei o substantivo professoras ao longo do texto, porque são o meu objeto de pesquisa e a presença das mulheres é majoritária nesse espaço da Educação Infantil.

Como já mencionado anteriormente sou Professora Negra e durante minha graduação em Pedagogia na Universidade Federal de Pelotas posso dizer que quase ou nenhum intelectual negro orientou os aprendizados e que as questões raciais não tiveram protagonismo.

Ao ingressar no Mestrado em Educação da Universidade Federal de Pelotas (ano 2019) no primeiro semestre, através da disciplina *Leitura Dirigida: Estudos de Frantz Fanon e dimensões teórico-conceituais emergentes*. Ministrada pela Professora Georgina Helena Lima Nunes, me percebi diferente nesse mundo, nesse lugar muitas coisas sobre a história dos negros foram ocultadas a mim e a meus pares.

A educação escolar a qual fui submetida só contou parte da história sobre meus antepassados, as lembranças divulgadas e que eles eram os escravos. O continente Africano foi tido como desorganizado, sem passado, sem história, sem tradições e povoado por tribos antropófagas, assim homogeneizando as culturas e etnias (LOBO, 2015), apenas o que estava no livro didático era ensinado.

As teorias das ciências defendiam que através do escravismo teriam oportunidade de evoluir, estando em contato com a raça branca. Tudo isso contribuiu para que as pessoas vissem a escravidão como algo normal e aceitável (LOBO, 2015). Com tudo isso não se pode desprezar os impactos nas formas de vida, traços culturais da nossa sociedade nos dias de hoje.

Agora através destas leituras entendo o porquê de tanta discriminação e preconceito com os meus, formas engessadas de pensamento e padrão de mundo, verdades que foram construídas e nunca me passaram na cabeça questionar, sequer foram motivos de indignação e críticas por mim, devido ao brutal processo para construir uma epistemologia dominante, através do genocídio/ epistemicídio dos sujeitos coloniais (GROSFOGUEL, 2016).

As obras de Fanon (2008, 2010), mesmo que em outra época outro contexto, faz várias ligações com o lugar onde vivo e com o momento atual, pois nós negros infelizmente temos que a cada dia enfrentar situações que exigem luta e resistência, não muito diferente do momento em que acontecia a escravidão, pois, mesmo nesse contexto os negros nunca foram passivos vivendo em uma sociedade unicamente escravista, a união e a organização entre seus pares foi de fundamental importância. O quilombo, lugar de resistência, onde unindo seus saberes que também construídos a partir da maneira de vida que levavam, causavam desconforto, problemas e insegurança ao opressor (LOBO, 2015).

Percebo que ainda hoje devido aos diversos movimentos de resistência do povo negro, o colonizador luta para que não perca seu poder, essa agência da discriminação opera fortemente para manter seus privilégios “[...], pois o colonialismo não se limitou a despersonalizar o colonizado. Essa despersonalização também é sentida no plano coletivo, nas estruturas sociais.” (FANON, 2015, p. 340).

Esse estudo contribui muito para a construção da minha identidade racial e política, tendo em vista que para que a descolonização aconteça “[...] só o combate pode realmente exorcizar essas mentiras sobre o homem que inferiorizam e literalmente mutilam os mais conscientes de nós.” (FANON, 2015, p. 340).

Sendo Professora Negra, acredito que uma educação pautada na luta antirracista desde a Educação Infantil, possa gerar grandes subsídios para que as crianças de agora cresçam adultos conscientes e que o preconceito racial seja extinto de nossa sociedade e mundo.

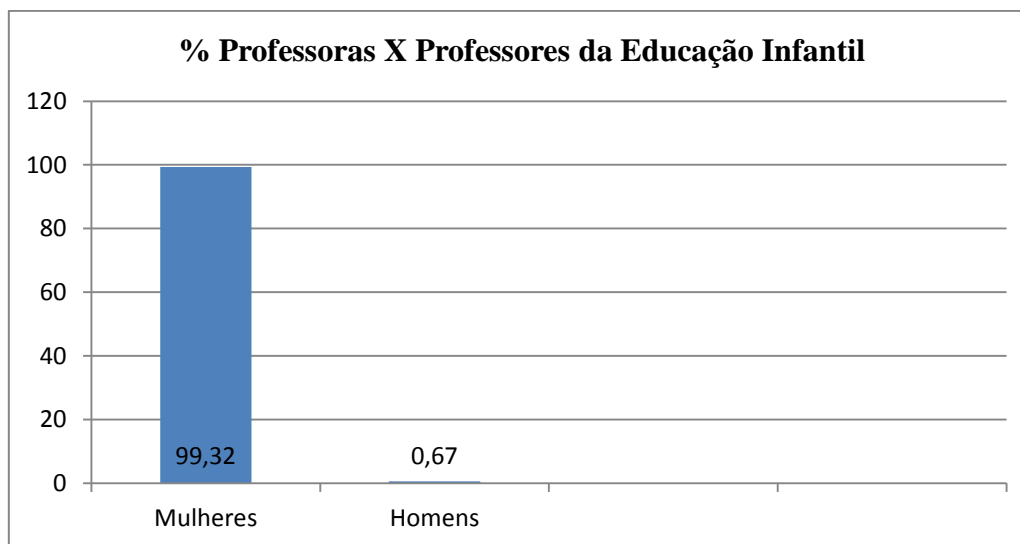
As Professoras Negras: Sujeitos potentes na luta antirracista

Muitas vezes como mulher negra e professora da Educação Infantil fiquei me perguntando por que fugimos do assunto? Porque não conseguimos discutir e problematizar as questões étnico-raciais com nossos alunos e colegas? Ao ingressar no mestrado e tendo esse assunto como objeto de pesquisa descobri um pouco mais sobre mim, sobre como fui criada e educada nessa sociedade racista, que nega a discriminação e que coloca todos os sujeitos como iguais, sabendo que as oportunidades escolhem sim cor.

Com isso surge a questão central da minha pesquisa: Investigar como as Professoras Negras percebem seu fazer pedagógico na educação infantil frente às questões étnico-raciais? Seguido de outros questionamentos: Qual a concepção do fazer pedagógico na educação infantil? Como a identidade étnico-racial influencia as decisões pedagógicas frente ao racismo? As experiências políticas, acadêmicas e cotidianas constituem repertório para o fazer docente das Professoras Negras?

Sendo a Educação Infantil uma das primeiras profissões que as mulheres puderam ocupar, vista como associação da tarefa educativa com a materna (ZIBETTI) vemos como isso refletiu nos dias de hoje, quando majoritariamente a Profissão de Educação Infantil é ocupada por elas.

Em um estudo exploratório realizado no mês de agosto de 2019 sobre quem são os/as professores/as das escolas de infantil de turno integral na cidade de Pelotas/RS, pode-se constatar que em sua totalidade são mulheres, como mostra o gráfico abaixo:



Já visto que são as professoras que dominam esse lugar, exercem um papel fundamental na educação das crianças, no sentido de assegurar o direito de educação de qualidade. Mas entanto meu olhar vai para as Professoras Negras, que com suas práticas pedagógicas podem promover a igualdade racial, contribuir para a valorização da diversidade étnico-racial, para a quebra de estereótipos dos sujeitos negros dentro da sala de aula e uma maior e igual representatividade onde as crianças levem isso para a vida já que em muitas escolas os sujeitos negros estão em minoria.

A docência de Mulheres Negras na Educação Infantil pode ser vista com grande potencialidade para fazer essa virada epistêmica, rompendo “[...] com o universalismo onde um (“uni”) decide pelos outros, a saber, a epistemologia ocidental” (GROSFOGUEL, 2016), valorizando os diferentes conhecimentos, saberes, culturas e tradições.

Além do trabalho que pode vir a desenvolver com os alunos, elas também carregam uma grande representatividade, esse corpo, essa aparição está ali diante dos alunos. Fanon (2008) Traz a seguinte fala: “[...] decidi me afirmar como Negro. Uma vez que o outro hesitava em me conhecer, só havia uma solução: fazer-me conhecer”. Assim as Professoras Negras, podem usar esse espaço para que todas as crianças negras façam se conhecer e em muitas vezes as mesmas se reconheçam.

Quem melhor que Professoras Negras pra falar desse lugar. Não que as professoras não negras não possam falar. Mas eu sim posso. Porque o discurso dessa sociedade racista entranha até mesmo no sujeito negro que acaba por acreditar nessa falsa verdade, que não legitima sua fala com o propósito que complementa Orlandi (1995, p. 59), “Assim fala-se sobre o ‘outro’ para que ele não fale, pois ele ao falar, pode distorcer o sentido do discurso que nos interessa”.

Percebo como pode fazer diferença a minha atuação e de outras professoras negras nesse espaço na luta contra o racismo, com pouco tempo de inserção crítica a essa problemática, já consigo ver as coisas com outros olhos percebendo que a constituição como Professora e Negra para discutir as questões étnico-raciais na sala de aula muitas vezes passa pela formação acadêmica, política, as experiências de vida para que possa ou não se construir um sujeito consciente da importância da luta antirracista.

O encontro com o verdadeiro eu, meu corpo e minha identidade deve acontecer também para que primeiramente possa ser desalienado o pensamento e em seguida as atitudes, pois “[...] o que queremos é ajudar o negro a se libertar do arsenal de complexos germinados no seio da situação colonial” (FANON 2008, p.44).

Hoje se eu voltar para a escola com a quantidade de aprendizados e discussões sobre relações raciais que participei em apenas um semestre do curso de Mestrado em Educação, já não serei e não terei os mesmo pensamento de alguns meses atrás, sei o meu dever naquele espaço.

Termos como Consciência Negra e africanidade é o que permeia na escola, nada mais que isso é falado outros conceitos como racismo, preconceito se tornam agressivos, os profissionais acham que só porque não tem mais a escravidão direta repetem o discurso que leva a acreditar que todas as discriminações já foram superadas, mas pelo contrário a exclusão e as desigualdades sociais estão ai e permeiam os relações institucionais e sociais.

A Educação Infantil como partida para a descolonização dos sujeitos negros

A partir da minha inserção na rede Municipal de Ensino de Pelotas trabalhando há três anos na Educação Infantil, percebi a falta de práticas pedagógicas e metodológicas cotidianas que promovessem a igualdade racial, tendo em vista que a Lei 10.639 de 09 janeiro de 2003, inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Africana e Afro-Brasileira e também

recomendado nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais diz que:

É importante salientar que tais políticas têm como meta o direito dos negros se reconhecerem na cultura nacional, expressarem visões de mundo próprias, manifestarem com autonomia, individual e coletiva, seus pensamentos. É necessário sublinhar que tais políticas têm, também, como meta o direito dos negros, assim como de todos cidadãos brasileiros, cursarem cada um dos níveis de ensino, em escolas devidamente instaladas e equipadas, orientados por professores qualificados para o ensino das diferentes áreas de conhecimentos; com formação para lidar com as tensas relações produzidas pelo racismo e discriminações, sensíveis e capazes de conduzir a reeducação das relações entre diferentes grupos étnico-raciais, ou seja, entre descendentes de africanos, de europeus, de asiáticos, e povos indígenas. Estas condições materiais das escolas e de formação de professores são indispensáveis para uma educação de qualidade, para todos, assim como o é o reconhecimento e valorização da história, cultura e identidade dos descendentes de africanos. (BRASIL, 2004)

Esse assunto geralmente se mostrava mais no dia 20 de novembro quando acontece as comemorações ao Dia da Consciência Negra, onde atividades e trabalhos eram desenvolvidos a partir de literaturas infantis e cartazes sem muito aprofundamento, me parecia que era mais para dar conta do planejamento anual.

Muitas vezes o olhar do outro causa constrangimento, depois de tantos anos de preconceito racial e exclusão na sociedade. Fanon (2008) afirma que: “Falar é, sobretudo assumir uma cultura suportar o peso de uma civilização”. Levando muitas Professoras Negras que trabalhavam na escola que eu, não se mostrarem muito a vontade para trabalhar a temática.

Como vivemos em uma sociedade com a falsa democracia racial, em algumas conversas que tive com uma delas me foi relatado que quanto mais atenção colocasse nesse assunto mais preconceitos poderiam surgir entre alunos/as e colegas de trabalho.

Vejo nesse relato o quanto estamos alienadas, as relações pessoais padronizadas, pois um verdadeiro problema que é o racismo esse discurso biológico criado para colocar os africanos abaixo da linha da humanidade (GROSFOGUEL, 2016) não pode ser discutido pelos sujeitos que foram intencionalmente racializados: Os negros/as, pois é visto como vitimismo e gerador de mais problemas.

Consequência da colonização que teve como tarefa inferiorizar o negro e agora tenta minimizar dizendo que todos são iguais. Fanon em seu Livro *Peles Negras máscaras brancas*, traz o relato de uma estudante martinicana que estuda na França que diz: “Os brancos por acaso reivindicam a sua cor?” (FANON, 2008, p.58). Essa e muitas outras perguntas ainda hoje colocam o negro em um lugar de passividade frente essas questões, acreditando não ser preciso discutir as relações étnico-raciais.

Discussões sobre discriminação racial e inferioridade de determinados grupos em prol a ascensão de outros devem ser problematizadas e desconstruídas, tanto por professoras negras como por professoras não-negras, a consciência de que determinados sujeitos possuíram e possuem privilégios em várias situações ao longo da história é fundamental para que os estereótipos negativos sobre determinadas, culturas, tradições, saberes possam ser desconstruídos.

A branquitude acrílica que é a ideologia de uma superioridade racial branca (CARDOSO, 2010) deve ser colocada em questão e deixar de ser “[...] um lugar de privilégios simbólicos, subjetivos, objetivo, isto é, materiais palpáveis que colaboram para construção social e reprodução do preconceito racial, discriminação racial “injusta” e racismo” (CARDOSO, 2010, p. 611).

Muitas vezes me deparei com situações que deveriam ser resolvidas e discutidas com as crianças no momento exato, uma delas foi quando alguns alunos riram do cabelo de uma menina negra. O cabelo solto da menina lhes causou estranhamento, ela sempre ia para a escola de tranças ou cabelo preso.

Nesse momento minha interferência foi fundamental tanto para os alunos, quanto para a menina, chamando a atenção para os diferentes tipos de cabelos da sala e posteriormente com fotografias das famílias mostrando como cada aluno/a se parece com seus familiares e suas origens se tornam importantes para explicar quem são e porque são e isso não deve fazê-los melhores nem piores que outros.

Não são poucas as situações como essa que acontecem nesse ambiente, e não é só por parte das crianças, mas também pelos adultos. A interferência e o diálogo das professoras nesses momentos são de extrema importância, não podemos deixar com que situações como essa sejam despercebidas no ambiente escolar, para que não seja disseminado o preconceito racial.

Usando o espaço da Educação Infantil a professora pode e deve contribuir para o desenvolvimento humano destas crianças, nessa faixa etária a socialização é

fundamental, pois interagindo com outros elas compreendem melhor o mundo por meio das experiências vividas (CAVALLEIRO, 2000).

Se a educação tiver como pauta a intenção de promover a igualdade racial o trabalho desenvolvido ajudará para que esses alunos, tanto negros quanto brancos sejam adultos livres de preconceitos, estando em meio a discussões sobre relações raciais terão subsídios para serem adultos mais conscientes que entendam que cada ser humano tem suas diferenças étnicas e raciais e que nenhuma deve se sobrepor a outra.

O racismo está presente em todos os lugares, é também institucional, vemos a escola no seu funcionamento mesmo que indiretamente, possibilita desvantagens e privilégios a partir da raça (ALMEIDA, 2018). Essa racialização da instituição escolar afeta o sujeito negro de tal forma que é dominado pelo discurso da branquitude acrítica que o torna inferior.

Como Professora Negra acredito ser grande a contribuição das mesmas para quebra dos padrões de ensinamentos eurocêntricos, mostrando para as crianças outras formas de descobrir o mundo e sua cultura e também desconstruir esse esquema epidérmico racial que foi introjetado e difundido nos corpos negros pelo colonizador, faz com que se sintam desumanos e a todo o momento querendo buscar se igualar ao homem branco (FANON, 2008).

Conclusão

É preciso mostrar para os alunos outra realidade, história, além dessa que é recomendada nos livros pedagógicos produzidos por quem detém o poder, é também se dar conta da sua negritude e usar isso como luta para que mais negros possam recuperar suas raízes, buscar o seu direito de serem vistos como alguém.

Romper com as barreiras que não legitimam a fala do negro, mostrar para os alunos que o povo negro muito contribuiu para a construção do Brasil e que acima de tudo tem uma ancestralidade, cultura e é produtor de conhecimento.

Usar esse espaço de professora para de fato fazer o educar, mas o educar a partir da realidade dos alunos, trazer a representatividade para a criança negra, pois as escolas já estão cheias de representatividade branca em todo o lado. Deixar de usando estereótipos e conteúdos que por muitas vezes servem para excluir certos grupos e são tomados de preconceitos.

Ao falar sobre essas questões as professoras assumem sua identidade política, e se colocam para tais enfrentamentos que devem ser discutidos e problematizados e não silenciados.

Com a mínima base que adquiri até agora (digo mínima porque tenho muito que descobrir ler e aprender) já consigo ver as coisas com outros olhos, percebendo que a constituição como Professora e Negra para discutir as questões étnico-raciais na sala de aula se dá em uma enorme construção, que passa pela formação acadêmica, política, experiências de vida e se dar conta de quem realmente sou nessa sociedade.

Indo de encontro com o verdadeiro eu, não aquilo que os outros dizem que eu sou. Em busca da verdadeira desalienação, onde não seremos mais o branco e o negro, o colono e o colonizado, o poderoso e o subalterno, mas sim seres humanos (FANON, 2015).

Referências

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.** Brasília: 2004. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012>. Acesso em 19 de setembro de 2019.

CARDOSO, Lourenço. **Branquitude acrítica e crítica: A supremacia racial e o branco antirracista.** Manizales: CEANJ, 2010.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil.** São Paulo: Contexto, 2000.

FANON, Frantz: **Os Condenados da Terra.** Juiz de Fora: Ed. UFJF, 3ª reimpressão, em 2015.

_____. **Pele Negra, máscaras brancas.** Salvador: EDUFBA, 2008

GROSGOUEL, Ramón. **A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo do século XVI.** Brasília: Revista Sociedade e Estado, 2016.

LOBO, Lilia Ferreira. **Os infames da história: pobres, escravos e deficientes no Brasil.** Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio – no movimento dos sentidos.** Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

ZIBETTI, Marli Lúcia Tonatto. **O que pensam professoras de educação infantil sobre a Feminização da profissão docente?** Brasil: ANPED, 2007. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt23-3041-int.pdf>. Acesso em 17 de setembro de 2019.